



Representaciones del cuidado en las oraciones Makuxi: historia, mito y salud

Representations of care in Makuxi prayer: history, myth and health

Representações do cuidado nas orações Makuxi: história, mito e saúde

Bruno Miranda da Rocha^{1*}; Luiz Henrique Chad Pellon² & Wellington Mendonça de Amorim³

¹Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Universidade Estadual de Roraima. Orcid:

<https://orcid.org/0000-0002-1531-1771> Correo electrónico: mirandabrasileiro@gmail.com

²

Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3346-9887> Correo electrónico: luiz.pellon@unirio.br

³ Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5104-4105> Correo electrónico: amorimw@gmail.com

***Correspondencia:** Rua Freijó, 820. CEP: 69.307-150. Bairro Paraviana. Boa Vista - Roraima, Brazil. Correo electrónico: mirandabrasileiro@gmail.com

Cómo citar este artículo: Rocha, B. M., Pellon, L. H. C., & Amorim, W. M. (2023). Representaciones del cuidado en las oraciones Makuxi: historia, mito y salud. *Cultura de los Cuidados* (Edición digital), 27(65). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2023.65.08>

Received: 12/11/2022

Accepted: 12/02/2023.



Copyright: © 2023. Remitido por los autores para publicación en acceso abierto bajo los términos y condiciones de Creative Commons Attribution (CC/BY) license.

Abstract: Objective: to analyze the construction of representations of health care in the drawings, stories and prayers inscribed in the Makuxi Tarumu leaflets. Method: This is a historical-anthropological, documentary that used elements of New Cultural History from the perspective of the Historian Roger Chartier and ethnography. The research was carried out at the Indigenous Documentation Center (IDC) in Boa Vista-RR-Brazil. The leaflet entitled Makuxi Tarumu (Makuxi Prayers), volumes I and II, of 1987 was used as the object document. Results: In the Makuxi prayers, written in the Makuxi Tarumu leaflets, the representation of care appears in all prayers in a supernatural form, where the spiritual authority makes an evocation, interfering in the natural world. The prayer and the shaman are the authorities. Conclusion: The prayers preserve remarkable features of the Makuxi culture without religious syncretism, although it was produced by the Diocese-RR.

Key Words: Worldview, catholicism, history 20th century, culturally competent care.

Resumen: Objetivos: analizar la construcción de las representaciones del cuidado en salud en las rezas inscritas en los folletos Makuxi Tarumu. Metodología: Estudio de cuño histórico-anropológico, documental, que utilizó elementos de la Nueva Historia Cultural en la perspectiva del Historiador Roger Chartier y de la etnografía. La investigación se realizó en el Centro de Documentación Indígena (CDI) de Boa Vista-RR-Brasil. Como documento-objeto se utilizó el folleto titulado Makuxi Tarumu (Oraciones Makuxi), volúmenes I y II, de 1987. Resultados: En las oraciones Makuxi, escritas en los folletos Makuxi Tarumu, la representación del cuidado aparece en todas las oraciones de una forma sobrenatural, donde la autoridad espiritual hace una evocación, interfiriendo en el mundo natural. El rezador y el pajé son las autoridades. Conclusión: las oraciones preservan características marcadas de la cultura Makuxi sin sincretismo religioso, a pesar de haber sido producido por la Diócesis-RR.



Palabras-clave: Visión del mundo, catolicismo, historia del siglo XX, asistencia a la salud culturalmente competente.

Resumo: Objetivos: analisar a construção das representações do cuidado em saúde nas rezas inscritas nos folhetos Makuxi Tarumu. Metodologia: Estudo de cunho histórico-antropológico, documental, que utilizou elementos da Nova História Cultural na perspectiva do Historiador Roger Chartier e da etnografia. A pesquisa foi realizada no Centro de Documentação Indígena (CDI) de Boa Vista-RR-Brasil. Como documento-objeto utilizou-se o folheto intitulado Makuxi Tarumu (Orações Makuxi), volumes I e II, de 1987. Resultados: Nas orações Makuxi, escritas nos folhetos Makuxi Tarumu, a representação do cuidado aparece em todas as orações de uma forma sobrenatural, onde a autoridade espiritual faz uma evocação, interferindo no mundo natural. O rezador e o pajé são as autoridades. Conclusão: as orações preservam características marcantes da cultura Makuxi sem sincretismo religioso, apesar de ter sido produzido pela Diocese-RR.

Palavras-Chave: Cosmovisão, catolicismo, história do século XX, assistência à saúde culturalmente competente.

INTRODUÇÃO

Escravagismo, missões, guerras, assassinatos, epidemias, desterritorialização e miséria são algumas das faces do processo histórico que marcou as relações entre povos indígenas, colonizadores, imigrantes, população não indígena e governos no Brasil, permeada por uma relação muitas vezes ambígua do papel da Igreja Católica na defesa destes povos.

Na década de 1970, no entanto, a igreja católica no Brasil, por meio do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), assumiu sua dívida histórica com os povos indígenas, reconhecendo o sofrimento e opressão aos quais têm sido submetidos, e definiu agir para uma prática da pastoral libertadora. Os indígenas receberiam apoio dos missionários para organizar suas políticas a serviço dos projetos de vida dos povos indígenas e na luta pela garantia do direito à diversidade cultural (Vieira, 2014).

De acordo com Araújo (2006) os missionários organizaram, a partir década de 1970, encontros indígenas nos quais temas considerados tradicionais, conforme a cosmovisão Makuxi, estavam em pauta. Nestes encontros participavam pajés, rezadores e catequistas indígenas que organizaram uma coletânea de mitos denominado Makuxi Panton (Histórias Makuxi), em três volumes e um material com uma coletânea de rezas com predomínio da língua Makuxi em dois volumes, Makuxi Tarumu, publicados pela Diocese de Roraima, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

Os estudos religiosos realizados em reuniões de grupo com os tuxauas passaram a trazer mensagens de injustiças na relação entre não indígenas e indígenas, colocando os segundos no lugar de injustiçados. Como consequências destas reuniões, em 1987, em pleno processo constituinte brasileiro, formou-se o CINTER, Conselho Indígena do Território de Roraima, que veio a se tornar o Conselho Indígena de Roraima, que atua de forma bastante organizada ainda atualmente, tendo sido a organização mais atuante na demarcação da terra indígena Raposa/Serra do Sol, com grande apoio da Igreja Católica (Araújo, 2006). A Terra Indígena Raposa/Serra do Sol comporta as etnias Makuxi, Wapichana,



Ingaricó, Wai-Wai, Taurepang, Patamona. A etnia Makuxi é a mais populosa com 29.931 indígenas segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2012).

De acordo com Souza (2014), na cultura Makuxi o cosmos é composto basicamente de três planos sobrepostos no espaço que se encontram na linha do horizonte. O céu que enxergamos da superfície terrestre é base do plano superior, Kapragon, povoado por diversos tipos de seres, incluindo os corpos celestes e os animais alados, que também vivem da agricultura, da caça e da pesca, à semelhança dos humanos. A superfície terrestre, onde vivemos, é o plano intermediário; abaixo da superfície há um plano subterrâneo, habitado pelos Wanabaricon, seres semelhantes aos humanos, porém de pequena estatura, que plantam roças, caçam, pescam e constroem aldeias. O plano intermediário, por sua vez, não é o domínio exclusivo de humanos e animais, mas habitam-no ainda duas classes de seres, Omá:kon e Makoi. O critério para essa divisão é o lugar habitado por cada uma delas.

Na cultura Makuxi os mitos e ritos estão permeados de cosmologias e representações de mundo. História e mito estão inter-relacionados; homem, animais, plantas e demais elementos da natureza não são coisas dicotômicas.

Os mitos comunicam os valores culturais de um povo; eles nos dizem o que fazer para vivermos de maneira completa. Os mitos servem também para apresentar a história de um povo; para explicar a origem de fenômenos naturais (Macdonell, 2011).

Segundo Lévi-Strauss (1996) a Mitologia tem por finalidade assegurar, com um alto grau de certeza – a certeza completa é obviamente impossível –, que o futuro permanecerá fiel ao presente e ao passado. Esta é a originalidade do pensamento mitológico – desempenhar o papel do pensamento conceitual.

A produção de textos indígenas, mesmo em língua portuguesa, contribui para que a sociedade conheça melhor a diversidade de culturas dos povos originários. Esses materiais fornecem dados importantes sobre as diferenças culturais indígenas e suas tradições, permitindo que, por meio deles, a diversidade cultural no país tornese mais evidente e possa, assim, ser mais respeitada (Albuquerque, 2013).

Chartier (2010a, p. 07) traz a incontestável relevância do “estudo das práticas do escrito, não nos mundos antigos ou medievais, mas no longo tempo de uma modernidade que se desfaz, talvez, diante de nossos olhos.”

[...] conduzir a história da cultura escrita, dando-lhe como pedra angular a história das representações, é ligar o poder dos textos escritos que as dão a ler, ou a ouvir, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que elas impõem e são as matrizes das classificações e dos julgamentos (Chartier, 2010a, p 26).



A compreensão do passado histórico dos materiais escritos para os Makuxi, nos proporciona, portanto, um resgate de uma prática cultural, contribuindo para a História Cultural deste grupo étnico, além de trazer para o presente a necessidade de se pensar a valorização do conhecimento tradicional indígena no que refere à sua medicina milenar e à sua língua. As questões inerentes à saúde e à doença devem ser pensadas a partir dos contextos socioculturais específicos nos quais os mesmos ocorrem (Langdon e Wiik, 2010).

A realização de investigações acerca das representações do cuidado nos impressos produzidos para os povos Makuxis pode ser considerada iniciativa indispensável para a compreensão do processo de cuidar desses povos e, de uma maneira mais ampla, da apropriação de discursos e comportamentos dos profissionais de saúde para tentar decifrar as incompreensões da realidade do presente quanto ao atendimento a pessoas com costumes bem diferentes dos que estão habituados a lidarem.

Sendo assim nos propomos a analisar a construção das representações do cuidado em saúde nas histórias e rezas inscritos no material produzido pela Diocese-RR para o povo Makuxi na década de 1980.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de cunho histórico-antropológico, documental, que utilizou elementos da Nova História Cultural na perspectiva do Historiador Roger Chartier e da etnografia, adotando o modelo de história-problema.

A pesquisa foi realizada no Centro de Documentação Indígena (CDI) situado no Bairro São Vicente, em Boa Vista, Roraima.

No CDI existe uma coleção de documentos escritos, audiovisuais, sonoros e imagens sobre as questões indígenas, que foram guardados ao longo das últimas cinco décadas por missionários da Consolata.

Para chegarmos aos documentos analisados foi feita uma observação documental dos materiais impressos sobre saúde e áreas afins que foram destinados aos indígenas da etnia Makuxi. Todo material encontrado no CDI foi manuseado e verificado com o objetivo de encontrar informações de interesse para esta pesquisa. Os critérios de inclusão dos livros e folhetos foram: ter conteúdo com aderência ao tema cuidado em saúde, cosmovisão Makuxi; documentos históricos originais sobre os Makuxi; registro do ano da publicação no material, autoria/responsável pela edição.

Como documento-objeto utilizou-se, neste estudo, o material (folheto) intitulado Makuxi Tarumu (Orações Makuxi), volumes I e II, de 1987, publicados pelo Centro de Informação da Diocese de Roraima. Estes folhetos foram selecionados por serem escritos na língua Makuxi com algumas partes escritas em português.



Foram consultados quatro tradutores de Makuxi para português e todos mencionaram que o material tem a escrita de um Makuxi antigo com algumas diferenças do Makuxi atual. Dois tradutores devolveram o material traduzido. Foi solicitado mais de um tradutor para uma comparação e confirmação das informações.

Durante a análise foram considerados elementos da problemática ou do quadro teórico de interesse para o estudo, contexto do material, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos-chave. Para uma análise sincrônica foram utilizados os folhetos que tratam de mitos Makuxi (Volumes I e II) “Makuxi Panton: Histórias Makuxi”, de 1988 e o folheto “Tradições Indígenas” de 1985. Para uma análise diacrônica foram utilizados os livros: “Filhos de Makunaimi: vida, história, luta, ou vai ou racha, a luta continua”, publicado em 2004; o livro “Onças, Antas e Raposas: Mitos do povo Makuxi registrados pelo monge beneditino Dom Alcuíno Meyer, entre 1926 e 1948”, publicado em 2011 pela Diocese Roraima; e o livro “Registrando os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais na comunidade do Ticoça”, 2014, escrito pela indígena Jocivânia da Silva Oliveira.

A primeira análise realizada se prendeu à materialidade e estética dos folhetos: tipografia, tamanho (medidas), organização dos frontispícios, componentes dos folhetos como título, desenhos, apresentação, identificação de autoria, editores, desenhistas.

A segunda análise foi feita a partir da proposta metodológica da Nova História Cultural, na perspectiva de Roger Chartier, que possui três exigências na sua aplicação: o primeiro situa a construção do sentido dos textos entre imposições transgredidas e liberdades reprimidas. Sempre, as formas do escrito (dispositivos) ou as competências culturais (disposições) dos leitores estreitam os limites da compreensão (Chartier, 2010b).

A segunda exigência, necessária para um trabalho que envolve estudo de textos, leva a retornar ao conceito de representação na dupla dimensão que Louis Marin lhe reconheceu: “dimensão transitiva” ou transparência do enunciado. Toda representação representa alguma coisa; dimensão “reflexiva” ou opacidade enunciativa, toda representação se apresenta representando alguma coisa. Conduzir a história da cultura escrita, dando-lhe como pedra angular a história das representações, é ligar o poder dos textos escritos que as dão a ler, ou a ouvir, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que elas impõem e são as matrizes das classificações e dos julgamentos (Chartier, 2011).

A terceira exigência de análise consiste em colocar as obras singulares ou o corpus de textos, que são objeto do trabalho, no cruzamento dos dois eixos que organizam todo procedimento de história ou de sociologia cultural. Por um lado, um eixo sincrônico, que permite situar cada produção escrita em seu tempo, ou em seu campo, e a coloca em relação com outras, contemporâneas dela e pertencentes a diversos registros de experiência.



Por outro lado, um eixo diacrônico, que a inscreve no passado do gênero ou da disciplina (Chartier, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As transações entre as obras e o mundo social não se constituem, unicamente, na apropriação estética e simbólica de objetos ordinários, de linguagens, de práticas rituais ou cotidianas. Quem explica é Chartier (2010b, p. 40): “Elas se referem, mais fundamentalmente, às relações múltiplas, móveis, instáveis, amarradas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições”.

Ainda de acordo com o autor, o processo de publicação, seja qual for sua modalidade, sempre é coletivo, já que não separa a materialidade do texto da textualidade do livro.

No folheto Makuxi Tarumu esse processo de publicação coletiva pode ser considerado bem evidente, uma vez que não há um nome pessoal inserido. Ou seja, não foi atribuída a autoria a ninguém. Não existe nome de autor nem de editor, tampouco de quem fez os desenhos ou a diagramação, diferente de outras obras produzidas na mesma década (Makuxi Pantón, vol. 1 e 2) e também produzidos pela Igreja Católica, que identificam os responsáveis pelos textos e desenhos.

A “função autor” resulta de operações específicas, complexas, que relacionam a unidade e a coerência de alguns discursos a um dado sujeito. A “função autor” marcada pelo nome próprio é, de início, uma função de classificação dos discursos que permite as exclusões ou as inclusões em um corpus, atribuível a uma identidade única. A “função autor” não é somente uma função, mas também uma ficção (Chartier, 2014).

As orações Makuxi fazem parte de um conhecimento tradicional da coletividade, não havendo autoria individual estabelecida. Entendemos ser essa a razão de não ser apontado nomes de autores nem editores. A única possibilidade de identificação de uma responsabilidade pela publicação do material em análise está no verso da capa do volume II, indicando o Centro de Informação da Diocese de Roraima, com endereço e telefone fixo.

Ao iniciarmos a análise do conteúdo escrito no folheto Makuxi Tarumu, nos chama a atenção que apesar de ser um material escrito para os Makuxis, é bilíngue. Verifica-se o uso da língua portuguesa junto com a língua Makuxi, que predomina. O português é utilizado nos títulos das orações, na indicação da história e da oração, e na explicação sobre remédios que devem ser utilizados.

A elaboração de material de leitura para os Makuxi era uma estratégia encontrada junto à igreja Católica para resgatar o que já tinha começado a se esquecer pela influência do não índio. O que também dava à Igreja Católica uma interação mais harmoniosa com os indígenas ao demonstrar o interesse em valorizar a língua. Outra questão importante a ser considerada, é que este material é de uso da medicina tradicional indígena. Então é



razoável que as orações fossem realizadas na própria língua, até mesmo pelo fato de algumas palavras não possuírem tradução. Há os que afirmam que o verdadeiro Piya'san (Pajé) só realiza seus rituais com a língua Makuxi e que ele possui ainda uma linguagem específica dentro da língua Makuxi (Rabelo Filho, 2012).

Em relação ao trabalho técnico do tradutor não pajé, até hoje há falta de intérpretes especializados nas várias línguas indígenas. E permanece o desafio de trabalhar diante de línguas tipologicamente com registros e ordem das partes da oração tão diferentes. Há, por exemplo, conceitos que não têm necessariamente correspondência nas culturas ocidentais e outras barreiras quase intransponíveis na busca de termos equivalentes, com risco de redução, simplificação e até deformação do sentido (Freire, 2009, p. 239).

Algumas das dificuldades encontradas para o estudo do material: Makuxi antigo; palavras escritas de forma diferente (Quadro 01); palavras em desuso; palavras que não pertencem ao Makuxi; palavras que precisam de ajuda de um pajé para traduzir.

Todavia ao cruzarmos as traduções realizadas separadamente observamos uma concordância bastante significativa no sentido do texto, e algumas vezes quando uma tradução se tornava confusa em uma frase, outra tradução ajudava na compreensão.

De todos os folhetos e livros analisados, apenas três continham orações Makuxi: Makuxi Tarumu (Vol. I e II) e Tradições Indígenas. De todo o conteúdo escrito em Makuxi encontrado nos folhetos e livros incluídos neste estudo, apenas as orações foram escritas somente em Makuxi. As orações contidas nos dois volumes dos folhetos Makuxi Tarumu não são longas. A maioria delas possui de 3 a 7 linhas escritas. São orações semelhantes na sua composição, variando na figura/entidade evocada para cada necessidade.

Observando os títulos das orações, é possível distinguir as que atuam na prevenção, e as que atuam na cura. No volume I, as orações 1 e 14 são para prevenção de doenças e para prevenir contra os males em crianças, respectivamente. A oração 20 nos chama a atenção por não ser especificamente sobre saúde, mas é para prevenção também, de perigos. No volume II não há nenhuma oração de prevenção, todas são para curar alguma doença.

Podemos dividir as orações de cura em duas categorias, conforme os títulos: as que são específicas para uma determinada doença e as que não possuem especificidade, podem ser rezadas para qualquer doença. As orações que possuem especificidade apontam para as seguintes doenças: dor no corpo com falta de ar, mal causado pela gordura, "sapim", febre, dor no coração, diarreia, mordida de cobra, dor de cabeça, dor de cabeça com fraqueza, susto, quebrante, problemas de parto, reumatismo, susto, vômito, soluço,



feridas, dores no corpo, dor de barriga, disenteria, dor de olho, “roi roi”, bronquite, hérnia, dor no estômago, mordida de cobra cascavel, para “quisto” (cisto).

As orações que não especificam doença também podem ser divididas em duas categorias: a que envolve questão espiritual e a que não envolve questão espiritual. As orações 11, 19, 25 e 28 possuem uma ligação com questões espirituais: para fortalecer o espírito da pessoa doente, para quebrante, para quando a criança estiver sendo perseguida por espíritos.

Os elementos evocados foram organizados em seis categorias, conforme Quadro 2:

As evocações nos mostram uma variedade significativa de elementos e figuras que são inseridos nos rituais sem estabelecer um nível de valor nas suas representatividades, ou seja, há uma indiferenciação entre homens e animais, entre mito e história. A rigor, não seria correto tratar Homem e Natureza como coisas separadas, uma vez que os próprios indígenas não estabelecem qualquer ruptura entre eles (Junqueira, 2004).

As propostas terapêuticas inscritas nos folhetos Makuxi Tarumu, trabalham na mente, alma e espírito. As doenças e a saúde resultam de batalhas espirituais, daí o auxílio de figuras mitológicas (de força) para gerar confiança (na mente e na alma) de sua recuperação. As imagens mentais animais, geralmente são maiores e mais rápidas que os homens, ou mais fatal. Isso gera uma “psicossomática positiva”, agora para essa psicossomática positiva funcionar é preciso existir uma representação de saúde e doença na mente deles que venha a ancorar a proposta terapêutica indígena e ter seus resultados positivos. Isso é importante para pensarmos na construção da representação a partir das orações.

Nas orações Makuxi fica evidente a personificação dos elementos/figuras evocados. As frases citadas abaixo foram retiradas de algumas orações proporcionando uma visão de que, no ritual realizado, a “pessoa do rezador” ou “a pessoa do pajé”, “deixa de ser pessoa” e passa a representar um elemento da natureza, um animal ou um espírito:

“Eu (trovão) tirei doença de cima e de dentro dele.”

“Eu sol, se se prevenirem, se se protegerem, isso serve para a oração e o espírito, para nunca mais pegar doença, eu ofusquei, para a doença nunca mais olhar.”

“Eu cobra grande, se estiverem com falta de ar e espantarem os novos podem rezar com essa oração, que nunca mais vai suar porque tirei de cima e de dentro dele, ele nunca mais vai se esquentar.”

“Eu chuva e a enchente, quando estiverem com dor no corpo, se o seu filho estiver sofrendo, e esquentando sem parar, se rezarem nele, fica pra oração dos novos, eu parei com a dor para nunca mais ele sofrer, eu também aliviei a dor.”



A medicina tradicional indígena não se utiliza apenas de recursos naturais, mas também se utiliza das autoridades espirituais que realizam os ritos de cura e prevenção de doenças, ou seja, para o indígena, ir ao pajé ou rezador é o mesmo que um não indígena ir ao médico ou a um pastor. A inserção da medicina ocidental no cotidiano indígena vem até hoje exercendo influências na autoridade dos pajés e rezadores, proporcionando seu enfraquecimento. Esta representação do Pajé (Piya'san) e do Rezador (Tarenpokon) indicam um poder que dele emana para livrar da morte, o poder de “corrigir” o espírito daquele que está sem ânimo. Em condições normais o Tarenpokon proporciona a saúde necessária para a sobrevivência dos Makuxi.

A natureza está presente tanto na alopatia como nas rezas/orações, mas têm papéis diferentes, devido às representações da saúde e da doença. O modelo biomédico tem seu grande aparato de cuidado centrado no medicamento – indústria farmacêutica. As nossas farmácias funcionam como “casa do pajé”, todo o aporte terapêutico é medicamentoso, ou seja, substâncias agindo no corpo (não na mente, não na alma), e isso se dá pela representação que o modelo biomédico nos impôs de que o corpo (soma) adocece.

Cada grupo social possui conceitos sobre o que é ser doente ou saudável. Possui também classificações acerca das doenças, e essas são organizadas segundo critérios de sintomas, gravidade, etiologia.

Esse intrigante imaginário é uma das vias de acesso ao universo Makuxi, que só pode ser conhecido pela mente, e que chega até nós pelos mitos e relatos. Por exemplo, quebrante ou mau-olhado são consideradas doenças para vários grupos brasileiros, entretanto, não são reconhecidas ou tratadas pelo modelo biomédico. As classificações dessas doenças são organizadas segundo critérios próprios, os quais guiam os diagnósticos e terapias, cujos especialistas detêm elementos e materiais para tratá-las e as reconhecer como curadas ou não.

O saber tradicional indígena escrito nestes folhetos de orações Makuxi, ao mesmo tempo em que queria manter-se inserido no “sistema” de saúde indígena, procurava sua afirmação na aproximação com o saber reproduzido na escrita. Apesar da representação de autoridade sempre ter sido valorizada e mantida pelas tradições orais, se viu ameaçada e rendida ao impresso numa busca pela preservação das representações coletivas que norteavam as práticas sociais.

A força da oração está na sua oralidade ou oralização para produzir o efeito terapêutico; mas o folheto tem o efeito de preservação da memória Makuxi, memória que perpetuará a representação necessária para que a mente do grupo continue produzindo ou ajudando na cura de cada um.



O livro sagrado do judaísmo, a Torah, por exemplo, não substituía a oralidade dela aos sábados e nas festas semanais para o povo hebreu, ou seja, a representação é escrita, mas a força da representação – energia contida nela – vem pela leitura oralizada ou silenciosa que o grupo pratica ou se submente, resultando no efeito de “realidade”. Nos folhetos Makuxi Tarumu fica evidente a ordem que a autoridade que os encomendou buscou instaurar, pois, “o livro sempre visou instaurar uma ordem” (Chartier, 1997, p. 7).

As orações escritas revelam a maneira de pensar deste povo e as representações do cuidado possuem uma marca cultural da tradição Makuxi.

“As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1996, p. 212).

Segundo Oliveira (2012) as representações sintetizam o que os homens pensam sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca. Nas práticas rituais das orações Makuxi vemos a relação Homem x Natureza x Mito orientar a sociedade Makuxi para o respeito e a relação que deve existir entre a vida social, a relação dos homens com a natureza e com o universo mítico. Na cultura Makuxi algumas doenças são eminentemente espirituais, como o quebrante, que ocorre quando a pessoa se assusta e o espírito dela sai repentinamente e perde o seu ânimo. Na oração número 18 para susto ou quebrante o rezador evoca o besouro para conseguir a cura.

18 Oração para susto e quebrante

História: A doença levou o espírito do filho do homem novo, e o besouro foi cercar ele, e o besouro trouxe ele de volta.

Oração: Nós homens besouros trouxemos o espírito dele de volta pela sua mão, para nunca mais adoecer trouxemos o espírito dele de volta, se trouxerem o espírito do seu filho, os novos tem essa oração.

As representações do cuidado presentes nas orações dos folhetos Makuxi Tarumu atuam de modo a promover e incentivar, mesmo que inconscientemente, um comportamento humano desejável para a manutenção da sociedade.

Os rituais de cura, por meio das suas representações, caracterizam o saber da tradição Makuxi, que anseia pela produção de práticas cotidianas que respeitem a natureza, os espíritos e as relações humanas.

Sendo assim, nesta investigação, levando em consideração as possibilidades de uma leitura representativa dos documentos e os limites epistemológicos inerentes à toda pesquisa documental, concluímos que a representação do cuidado nas orações inseridas nos folhetos Makuxi Tarumu, mesmo sendo produzidos por uma instituição religiosa, a



Diocese-RR, apresentou-se fiel à memória Makuxi, respeitando as peculiaridades inerentes à cosmovisão indígena, sem inserir figuras ou elementos do catolicismo.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F.E. (2013). O processo de aquisição de leitura e escrita pelas crianças indígenas Api-nayé. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, 16(02), 69-79.
- Amódio, E., e Pira, V. (1996). *Língua Makuxi: Makusi Maimu* (2ª ed.). Roraima: Diocese de Roraima.
- Araújo, M. (2006). *Do corpo à alma: missionários da Consolata e índios Macuxi em Roraima*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp.
- Chartier, R. (1997). *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XV*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chartier, R. (2010a). Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, 24 (69), 6-30. Obtido em <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>
- Chartier, R. (2010b). *A história ou a leitura do tempo* (2ª ed.). Belo horizonte: Autêntica Editora.
- Chartier, R. (2011b). *A força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC: Argos.
- Chartier, R. (2014) *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUFSCar.
- Durkheim, E. (1996). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, J.R.B. (2009). *Uma Constituição Legal para os índios? Em: Versiani, MH; Maciel, I e Santos, NM (Orgs.). Cidadania em Debate*. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República.
- IBGE (2012). *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Junqueira, C. (2004). Pajés e feiticeiros. *Estudos Avançados*, 18 (52), 289-302. Obtido em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300018
- Langdon, E.J., & Wiik, FB (2010). Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 18(3), 173-181.
- Lévi-Strauss, C. (1996). *A estrutura dos mitos*. Em: *Antropologia estrutural* (pp. 237 – 265) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Macdonell, R.B. (2011). *Mitos do povo Makuxi registrados pelo monge beneditino Dom Alcuíno Meyer, O. B. S. entre 1926 e 1948*. Brasília: Diocese de Roraima.
- Oliveira, M. (2012). O conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho. *As formas elementares. Debates do NER*, 22, 67-94.



Rabelo Filho, M.G., & Araújo, J.B. (2015). A representação social do Kanaimî, do Piya'San e do Tarepokon. *Revista Científica do Núcleo de Pesquisas Eleitorais e Políticas da Amazônia - NU-PEPA/UFRR*. 03(02), 626-637.

Souza, M.S.A. (2014). *Cosmologia makuxi: arte, mitos e ritos*. Salvador - BA: UCSal, 8(3), 183-194.

Vieira, J.G. (2014). *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra – 1777 a 1980 (2ª ed.)*. Boa Vista: Editora da UFRR.